

**6° Fórum de Direitos Humanos e Saúde Mental - ABRASME
de 7 a 9 de setembro de 2023, no Rio de Janeiro/RJ**

**A vida como uma sigla de quatro letras: pensando o cuidado em saúde mental de
Jovens Vivendo com HIV/AIDS (JVHA)**

Autores(as): Miguel Andrade Alvarez, Claudia Carneiro da Cunha, Luciane Stochero

Atualmente a juventude concentra o maior número de infecções pelo HIV/AIDS. Para além de um dado epidemiológico, há uma diferença importante em se ver diante de um diagnóstico de soropositividade para o HIV em um momento de início de projetos de vida, o que aponta para uma maior vulnerabilidade psíquica e social desse grupo. Tal realidade pode acarretar em dificuldades de adesão ao tratamento antirretroviral, não só pela lida com o vírus, a doença e suas metáforas, mas também pela intersecção dessas experiências com opressões advindas dos marcadores sociais da diferença. Em nosso estudo, os Jovens Vivendo com HIV/AIDS (JVHA) alegam um sofrimento psíquico anterior ao HIV, que se agrava com o diagnóstico, levando à necessidade da discussão ser marcada por uma lógica interseccional. Tem-se como objetivo central a discussão acerca da saúde mental de JVHA, no tocante à adesão ao tratamento antirretroviral e suas experiências em redes de apoio entre pares no contexto do ativismo e no cuidado especializado do Sistema Único de Saúde (SUS). Investiga-se os principais fatores vinculados ao sofrimento psíquico e vulnerabilidades psicossociais deste grupo. No contexto da pesquisa etnográfica, realizamos 5 (cinco) entrevistas semiestruturadas com ativistas de longa data do movimento de HIV/AIDS; 11 (onze) entrevistas semiestruturadas com JVHA ativistas da Rede Jovem Rio+, que ocupam ou já ocuparam posições de representantes de Grupo de Trabalho (GT) da Rede. Através do referencial sócio-antropológico, as entrevistas foram acompanhadas de diários de campo, com o intuito de mapear o excedente de sentidos. Realizou-se observações participantes em eventos e espaços promovidos por redes de ativismo históricas de HIV/AIDS no Rio de Janeiro. O cuidado na rede do SUS é de cunho biomédico e, muitas vezes, se reduz somente à dispensação gratuita de

medicamentos antirretrovirais, consultas médicas e exames. O ativismo, constituindo-se como um apoio político e social, é um importante alicerce para a melhoria na adesão ao tratamento antirretroviral, bem como na saúde mental, pois é um espaço que leva em conta os agravos subjetivos relativos ao estigma da doença, à dramaticidade de lidar com uma condição crônica e as vulnerabilidades psicossociais, fatores que ultrapassam o vírus biológico e são fontes de adoecimento. Considera-se que há uma impossibilidade de reduzir uma experiência subjetiva ao HIV/AIDS, já que o sofrimento proveniente de uma condição crônica, altamente estigmatizada, mescla-se a outros desafios. Entre os JVHA, isto se produz a partir de dimensões que extrapolam o HIV, considerando-se as diferentes posições de cada sujeito atravessados por marcadores como sexualidade, cor/raça, classe, gênero e geração. Como diz Herbert Daniel: “anunciaram a minha morte, nomeando-a com uma sigla de quatro letras que não são as da palavra amor”, assim como se reduz o sujeito a uma sigla de quatro letras que não seja vida.